

Migração bota a educação no quadro negro

O tempo era que o nível de ensino no DF, ministrado pela rede pública, era considerado exemplar no País, acabou. Para técnicos da área de educação, em 30 anos ocorreu um crescimento demográfico explosivo. "Se em 1960 havia 6 mil alunos, hoje o número de discentes chega a 376 mil só no setor público, o equivalente à população de uma cidade de grande porte", avalia a secretária Malva Queiroz. Esse montante divide 500 escolas.

A cada ano, são matriculados na Fundação Educacional cerca de 15 mil alunos novos. Para atender à demanda, foi criado o turno intermediário ou turno da fome. A construção de mais escolas, no ano passado, teve por objetivo eliminar, pelo menos em grande parte dos estabelecimentos de ensino, o turno nascido de uma disfunção.

Garante o C-DF que não há falta de vagas na rede oficial e que os professores aqui lotados, em sua totalidade, são especializados. Mais de 60 por cento têm curso superior, sendo o restante formado em licenciatura curta ou pela Escola Normal.

Contudo, embora os docentes da rede tenham demonstrado interesse pelos cursos de especialização, matriculando-se em grande quantidade, melhorar o nível de ensino também significa dotar o aluno da programação anual, sem interrupção por conta de greves. Aliás, o número de paralisações, juntas, resulta em mais de um ano letivo. São greves por melhores salários e condições de trabalho, sem o distanciamento do lado político, vivido por professores e Governo.